

APRESENTAÇÃO

Com muita alegria e satisfação apresentamos aos leitores o número 9 da Revista *Primórdios*, publicação do Grupo de pesquisa Os Primórdios da Vida Psíquica – Clínica dos Primeiros Anos – CPRJ. Ao longo do ano de 2022 nosso foco de pesquisa e de reflexão voltou-se para a consideração de diferentes situações de vulnerabilidade que envolvem a criança e sua família, e os consequentes riscos decorrentes dessas situações. Em nosso país, são múltiplas as condições de precariedade, tanto no âmbito econômico e social, quanto no campo educacional e na saúde, condições que resultam em perturbações mais ou menos graves no plano psíquico para aqueles que sofrem os efeitos desses fatores.

Algumas dessas situações foram debatidas em quatro mesas temáticas durante o ano de 2022, e neste número de nossa revista apresentamos os artigos dos palestrantes que nelas contribuíram com suas pesquisas e reflexões. Além desses artigos, a revista inclui também dois textos de colegas que desenvolvem pesquisas sobre aspectos específicos da temática das vulnerabilidades e riscos para a constituição subjetiva.

Os temas abordados em nossas mesas abrangeram inicialmente a compreensão da psicanálise sobre quais podem ser os fatores de risco para a constituição subjetiva, que se relaciona com a delicada questão da prevenção, para em seguida tratar de algumas situações específicas de vulnerabilidade. Nessa perspectiva, foi discutida a complexidade do investimento parental e profissional em relação ao bebê que nasce marcado por alguma condição limitadora do seu desenvolvimento, o bebê que nasce diferente. Abordamos também os múltiplos efeitos da pandemia sobre as crianças e os adolescentes, e as consequências que poderão advir desses efeitos, ainda a serem estudados e acompanhados cuidadosamente, para finalizar tratando das evidências do impacto que tem o racismo estrutural em nosso país sobre a constituição subjetiva das crianças

que sofrem seus efeitos.

Quando consideramos riscos e vulnerabilidade inevitavelmente pensamos em prevenção. Porém, essas considerações serão permeadas pelo olhar psicanalítico para pensar a prevenção como subjetivadora, relacionada ao cuidado, à atenção psíquica transmitida pela escuta e pelo acolhimento. Nessa perspectiva, a distinção entre prevenção e predição é fundamental. Os avanços importantíssimos nos conhecimentos a respeito dos fatores de risco na infância trazem também o perigo da tentação preditiva. Essa posição preditiva coloca uma dificuldade ética fundamental, pois retira do outro a possibilidade de movimento em liberdade, sendo que a própria predição pode operar como fator determinante de agravamento do risco psíquico. De certo modo, ela fixa o futuro de um indivíduo, reduzindo com violência sua liberdade. Ao contrário defendemos que a essência da prevenção na primeira infância relaciona-se à função subjetivante do adulto, envolvendo antecipação e interpretação constitutiva, considerando a subjetividade e a singularidade de cada história, sem, no entanto, negligenciar os bebês em risco e suas famílias.

A autora Isabel Kahn Marin serve-se de duas experiências extremas para problematizar a questão da prevenção diante de fatores de vulnerabilidade, que são as experiências de bebês em acolhimento institucional e a de mães e bebês vivendo em presídio. A escolha pela autora dessas situações remete à condição paradoxal da chegada de um novo ser, que pelo seu desamparo fundamental depende totalmente do Outro para se tornar humano. O artigo discute assim quais são as condições para que um bebê consiga se inscrever no mundo, mesmo em situações extremas.

No artigo seguinte, Elodie Pagliaroli, psicóloga e psicanalista de Lyon, a partir de sua experiência clínica nos serviços sociais da infância, expõe suas hipóteses sobre os efeitos das tensões parentais agudas e as separações conjugais extremamente conflituosas sobre a vida psíquica dos filhos, apresentando através de vinhetas clínicas os vestígios desses conflitos no modo de organização somatopsíquica dessas crianças, muitas vezes expressos em sintomatologia corporal.

Em torno da temática do bebê que nasce diferente, Martha Cristina Nunes Moreira explora em seu artigo como pode se dar o cuidado e a construção da esperança para os pais e também para os profissionais atendendo bebês e crianças nascidos com condições de saúde crônicas, complexas e raras. Ela propõe ser fundamental estarmos atentos ao que circula em termos da construção dos vínculos de cuidado, na forma de palavras e afetos.

Ainda tratando dessa temática, Roberta Falcão Tanabe, embasada em sua experiência como médica dedicada ao cuidado intensivo pediátrico, buscou discutir em seu trabalho os desafios para investimento parental e profissional do bebê que nasce diferente. Apoiada também em sua autoria como escritora, ela explora dois textos ficcionais, que apresentam a perspectiva materna no cuidado de suas crianças, e os diferentes aspectos que atravessam a vulnerabilidade da relação mãe-filho com reflexos na construção de vínculos afetivos.

Como sabemos, o processo de transição à parentalidade exige dos pais intenso trabalho de reorganização de suas representações acerca do bebê esperado e deles mesmos. Quando este bebê é diagnosticado com paralisia cerebral, uma enfermidade decorrente de lesão neurológica ocorrida muito cedo, esse trabalho sofre uma ruptura que pode comprometer o investimento parental sobre a criança. O objetivo do trabalho de Livia Schechter e Silvia Zornig é investigar como certas representações construídas pelos pais, que parecem ignorar os prejuízos ao desenvolvimento da criança e ao mesmo tempo reconhecê-los, podem favorecer a recomposição do investimento parental após o trauma causado pelo diagnóstico.

Abordando outro fator de vulnerabilidade que nos atingiu recentemente, Ester Malque Litvin busca avaliar em seu texto os efeitos da pandemia no desenvolvimento do bebê e da criança pequena, tanto os positivos quanto os negativos, alguns dos quais só serão perceptíveis a longo prazo, enquanto outros já podem ser observados de imediato. Entre os fatores de risco para o desenvolvimento dos bebês, a autora ressalta o uso de máscara pelos adultos no entorno da criança e também a utilização excessiva de telas, com as consequências negativas que já são conhecidas.

Em seu artigo, Luciana Gageiro Coutinho parte do questionamento sobre de que maneira o agravamento das vulnerabilidades sociais decorrente da pandemia de COVID-19 no Brasil pode se entrelaçar com o sofrimento psíquico na infância e na adolescência. Com esse objetivo, a autora propõe que o encontro entre os conceitos de vulnerabilidade – adotado no campo da saúde coletiva – com o de desfiliação – das ciências sociais – e a noção de desamparo – da psicanálise – pode nos ajudar a compreender as possíveis repercussões psíquicas da fragilização dos vínculos sociais sobre crianças e adolescentes.

Por seu lado, Edson Saggese ressalta em seu artigo que a pandemia de COVID-19 trouxe consequências sociais, econômicas e subjetivas para a adolescência, transformando-se em um grande experimento, em diversos campos, para a vida em sociedade. Algumas dessas consequências são exploradas no

artigo, dando-se ênfase às interferências nos processos exogâmicos dos adolescentes, assim como ao risco de acentuação da tendência de medicalização da vida juvenil. Os impactos sobre o processo analítico na passagem das sessões presenciais para os atendimentos *online* também são abordados.

E finalmente em torno da temática do racismo estrutural brasileiro, Jôse Lane de Sales teve como objetivo em seu artigo não somente pensar os impactos do racismo no processo de constituição subjetiva de crianças negras, mas principalmente problematizar o ambiente que produz e perpetua essa violência. E é nessa perspectiva que ela apresenta de forma resumida o conceito de branquitude, para oferecer um instrumento que permita avaliar como o racismo nos atravessa e quais podem ser seus efeitos sobre a própria prática psicanalítica.

Fabiana Villas Boas, cujo artigo também tem como objetivo refletir sobre o racismo à brasileira como risco para constituição subjetiva, propõe uma leitura winnicottiana do ambiente brasileiro como não suficiente bom para as pessoas negras, o que pode se apresentar com potencial traumático para as crianças negras que crescem no país. A autora oferece também uma formulação sobre possíveis impactos do racismo à brasileira compreendido como um desmentido.

Com essa breve apresentação dos diferentes trabalhos que compõem este número da nossa revista, que demonstram uma riqueza muito expressiva de variadas experiências clínicas e institucionais, e conduzem a reflexões instigantes para o tratamento dessa temática da vulnerabilidade psíquica, convidamos nossos leitores a explorarem essas questões. E agradecemos muito sinceramente aos colegas que aceitaram estar conosco tanto nas mesas de debate como na construção dessa publicação, nos oferecendo seus escritos para compartilhar com todos.

Coordenação do Grupo de Pesquisa
Os Primórdios da Vida Psíquica – Clínica do Primeiros Anos
Setembro de 2023